

## OBESIDADE E A (DES)VALORIZAÇÃO CORPORAL ENTRE ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Ana Paula Melo da Silva<sup>1</sup>

Walleri Christini Torelli Reis<sup>2</sup>

### RESUMO:

O fenômeno da obesidade transcende a mera questão do peso corporal, influenciando fatores sociais, culturais e psicológicos. A obesidade está marcada também pela estigmatização, que marginaliza os indivíduos com sobrepeso e obesidade, afetando suas vidas em várias dimensões. Essa revisão bibliográfica buscou uma análise da construção histórica da obesidade, explorando suas ramificações sociais e culturais e os efeitos que essas têm sobre a saúde dos indivíduos. Promover uma mudança requer a colaboração entre profissionais de saúde, educadores e formuladores de políticas, sendo isto essencial para superar os desafios em torno do cuidado da obesidade.

**Palavras-chaves:** obesidade; preconceito; estigma social

### ABSTRACT:

The phenomenon of obesity transcends the mere question of body weight, influencing social, cultural and psychological factors. Obesity is also marked by stigmatization, which marginalizes overweight and obese individuals, affecting their lives in various dimensions. This bibliographic review sought to analyze the historical construction of obesity, exploring its social and cultural ramifications and the effects these have on individuals' health. Promoting change requires collaboration between health professionals, educators and policy makers, which is essential to overcome the challenges around obesity care.

**Keywords:** obesity; prejudice; social stigma

## 1. INTRODUÇÃO

A prevalência crescente do sobrepeso e da obesidade em nível global elevou sua classificação para o *status* de epidemia, tornando-a uma grande questão de saúde pública. De maneira simplificada, a obesidade é caracterizada como o acúmulo excessivo de gordura corporal, o que pode acarretar em problemas de saúde, e é reconhecida como um

fator de risco devido as condições associadas que podem se desenvolver (WHO, 2016).

Esse conceito, embora útil em termos de permitir investimentos e a implementação de regulamentações na área da saúde pública, tende a simplificar a natureza multifatorial e complexa da obesidade, permitindo abordagens que foquem apenas na doença e no risco. Todavia, conceitualmente este patamar assume, também, um impacto em como o tema é abordado nas formações em saúde e, ainda, de como reverbera

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/PB, Brasil, Nutricionista, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UFPB, E-mail: [apms@academico.ufpb.br](mailto:apms@academico.ufpb.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/PB, Brasil, Farmacêutica, Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UFPB, E-mail: [wallerictr@gmail.com](mailto:wallerictr@gmail.com)

na forma de intervir sobre a mesma junto aos indivíduos.

O corpo com excesso de peso e até mesmo aquele em condição de sobrepeso, gradualmente, está sujeito a ser objeto de “controle” na sociedade, na qual expõe a negatização dos corpos com base em determinados padrões, seja de saúde, estética, funcionalidade, entre outros. Isso, conseqüentemente, leva indivíduos que não se encaixam nesses padrões estabelecidos a enfrentar repercussões sociais, psicológicas e físicas. Como resultado, aqueles considerados com peso acima do que é socialmente aceito acabam carregando um estigma em relação ao seu corpo, um impacto que pode afetar suas vidas, podendo levar até mesmo à recusa dos cuidados em saúde (POULAIN, 2013; ALBURY et al., 2020).

Dessa maneira, o presente estudo promoveu uma análise profunda da construção histórica da obesidade, explorando suas ramificações sociais e culturais e os efeitos que essas têm sobre a saúde dos indivíduos. A partir desses contextos, especialmente considerando a (des)valorização do corpo gordo, o estudo se voltou para a avaliação de como os profissionais e estudantes na área da saúde abordam e oferecem cuidados às pessoas com obesidade e sobrepeso. O objetivo foi fomentar uma discussão mais ampla sobre as oportunidades e

os obstáculos que precisam ser enfrentados no processo de cuidado a essa população.

## 2. METODOLOGIA

Este estudo apresenta uma revisão bibliográfica realizada no período de julho a agosto de 2023.

Utilizou-se as bases de dados PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO) como instrumento de coleta de dados. Foram incluídos os textos disponíveis na íntegra nos idiomas português, inglês ou espanhol que abordassem as temáticas propostas para esta pesquisa. Os textos que não estavam alinhados com o escopo do estudo ou que divergiam do tema proposto pelos autores foram excluídos.

Os artigos, livros e leituras selecionados para a composição desta revisão bibliográfica foram analisados e categorizados de forma objetiva, visando traçar uma linha sócio histórica: do surgimento da obesidade e seus desdobramentos sociais; dos sujeitos que convivem com esta condição; e dos profissionais que deveriam ofertar o cuidado em saúde.

## 3. OBESIDADE: PANORAMA E NORMALIDADE

A obesidade é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um acúmulo excessivo ou anormal de gordura adiposa, com potencial impacto na saúde, se configurando como um fator de risco para outras doenças, como hipertensão, diabetes, doenças

cardiovasculares, síndrome metabólica e certos tipos de câncer (WHO, 2010; WHO, 2016). Além disso, aspectos psicossociais também são relevantes, incluindo transtornos alimentares, insatisfação com a imagem corporal e estigma relacionado à corpulência (WHO, 2016; MORAES et al., 2017). A OMS indica que a medição do Índice de Massa Corporal (IMC) é o principal método diagnóstico para a obesidade, estabelecendo categorias de risco.

Globalmente, a condição da obesidade triplicou entre 1975 e 2016, atingindo 13% da população adulta mundial e mais de 340 milhões de crianças e adolescentes em sobrepeso ou obesidade (WHO, 2016). No contexto brasileiro a prevalência do excesso de peso e da obesidade aumentou nas últimas décadas. De acordo com a última Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), 60,3% dos adultos apresentavam excesso de peso e 25,9% tinham algum grau de obesidade (IBGE, 2019).

A OMS passou a classificar a obesidade como uma epidemia, o que gerou políticas públicas expandidas e investimentos tanto públicos quanto privados voltados ao emagrecimento (POULAIN, 2013). Assim, durante o período de transição nutricional e epidemiológica, entre os anos 1940 e início de 2000, quando as causas de mortalidade se transformaram, a patologização do corpo gordo como objeto de estudo, tratamento e prevenção começou a ser delineada (SILVA; CANTISANI, 2018). Por conseguinte, algumas ciências da

saúde reproduzem pensamentos e abordagens biomédicas em relação à obesidade, mesmo antes de sua inclusão nas intervenções de saúde como uma doença reconhecida (POULAIN, 2013).

Com a obesidade sendo oficialmente reconhecida como uma doença, houve uma mudança na construção simbólica das representações relacionadas à corpulência. A perspectiva social, que considera fatores culturais, históricos e políticos para além do biológico, foi substituída por uma visão de risco e doença. No entanto, essa visão tende a ignorar como a constituição do corpo é construída em resposta às transformações sociais tanto em nível individual quanto coletivo, sendo uma construção contínua do próprio ser. No entanto, é inegável que o corpo está sujeito aos padrões de uma cultura que molda e define normas comportamentais (CARDOSO; COSTA, 2013). O desafio é entender o processo de saúde-doença, indo além do biológico, como um aspecto social, reconhecendo a existência de estruturas sociais condicionantes que oprimem os indivíduos e influenciam suas escolhas (SILVA; CANTISANI, 2018).

Diante desses contextos sociais, o tratamento da obesidade, quando necessário, se torna um processo complexo e multidisciplinar, considerando sua natureza multifatorial e seus determinantes (ABESO, 2016). Assim, uma compreensão aprofundada é essencial,

destacando a importância da análise e intervenção baseadas em perspectivas que reconheçam amplamente as dimensões da obesidade, englobando elementos subjetivos e não reduzindo a condição apenas ao estado nutricional. Em vez disso, deve-se considerar o indivíduo como um ser inserido em um contexto social, cultural, histórico e político (WANDERLEY; FERREIRA, 2010).

Nesse sentido, as práticas biomédicas sozinhas são insuficientes para lidar com a complexidade da obesidade (SILVA; CANTISANI, 2018). A patologização do corpo gordo como alvo de intervenção na saúde se baseia em sua transformação em um estado de "normalidade". No entanto, essa objetificação é limitada, muitas vezes reduzindo a obesidade a escolhas comportamentais individuais. Isso tem contribuído para a comercialização das práticas de saúde, moldadas por ideais de estética e regras sociais que ditam padrões corporais (POULAIN, 2013). Assim, perante a sociedade, um corpo considerado gordo é estigmatizado pela suposta falha moral e patologizado pelo referencial centrado biomédico (MATTOS; LUZ, 2009)

#### **4. (DES)VALORIZAÇÃO DAS FORMAS CORPORAIS: ESTIGMA E PRECONCEITO**

Considerando a discussão sobre o reconhecimento da obesidade como um

problema social, se faz pertinente resgatar a definição de estigma de Goffman (1963). No qual pontua que o estigma refere-se a uma característica negativamente construída a partir da discrepância entre a identidade social previamente atribuída a um indivíduo e sua identidade social real. Em outras palavras, envolve a discrepância entre como um indivíduo é socialmente percebido e sua realidade. Essa característica, que é considerada "anormal" na sociedade, resulta em uma desvalorização do indivíduo e frequentemente leva a diversas formas de discriminação social.

Na sociedade contemporânea, a valorização excessiva da magreza como o padrão estético dominante transforma a gordura em algo contrário aos ideais de beleza, tornando-a um símbolo de falha moral. Conseqüentemente, um corpo que se afasta das medidas socialmente aceitas é estigmatizado (MATTOS; LUZ, 2009).

Nesse contexto, a valorização ou desvalorização das formas corporais é moldada pelas mudanças nos sistemas de representação relacionados à corpulência. Quando um indivíduo é estigmatizado com base em seu peso corporal, suas características sociais e qualidades pessoais frequentemente são colocadas a segundo plano (POULAIN, 2013).

Diversas evidências corroboram que o estigma associado ao peso corporal traz conseqüências negativas para a saúde das pessoas com obesidade e/ou sobrepeso. Isso

pode incluir exclusão, opressão, maior risco de desenvolver transtornos alimentares, ganho de peso adicional e impactos significativos na saúde psicológica e social. Esses mecanismos podem também prejudicar diretamente os esforços de promoção da saúde (PUHL; SUH, 2015; HUNGER et al., 2015; SILVA; CANTISANI, 2018). Esses efeitos surgem como resultado de um sistema de representações e crenças que vincula a obesidade ao descontrole individual, associando-a a características morais. Isso se manifesta em interações sociais que desmerecem o indivíduo com obesidade e o transferindo a culpa por essa desvalorização (MATTOS; LUZ, 2009; WANDERLEY; FERREIRA, 2010).

Nesse contexto, quando um indivíduo estigmatizado aceita como normal o julgamento feito por outras pessoas, ele entra em um ciclo vicioso que resulta em uma alteração da sua autoimagem. Isso faz com que a pessoa considere justificada a discriminação e o preconceito que ela enfrenta (POULAIN, 2013). Quando a vítima internaliza essa visão como normal, o estigma se manifesta plenamente, como apontado por Goffman (1963).

Desse modo, um corpo considerado com obesidade muitas vezes é alvo de preconceito nas relações sociais e afetivas (MATTOS, 2012). Esse preconceito atribui a esses corpos uma série de características e estereótipos, como preguiça, falta de sucesso, falta de força de vontade, baixa

inteligência e baixo apelo visual (SAXENA; KUMAR, 2017; LIMA; RAMOS-OLIVEIRA; BARBOSA, 2017). Isso acontece porque os grupos sociais tendem a categorizar a identidade social dos indivíduos com base em atributos físicos (MATTOS, 2012). Como resultado, vários estudos documentam a presença de preconceito em diferentes aspectos da vida das pessoas com obesidade, como na educação (DARLING; ATAV, 2019), no setor da saúde (SAXENA; KUMAR, 2017) e na mídia (ARAÚJO et al., 2018).

É crucial enfatizar que o primeiro passo para reduzir o preconceito em relação ao peso é reconhecer a existência e a riqueza da diversidade de corpos. No entanto, atitudes negativas em relação à obesidade persistem no âmbito da saúde e ainda não são reconhecidas por muitos profissionais (SAXENA; KUMAR, 2017).

## **5. ATITUDES NEGATIVAS RELACIONADAS À OBESIDADE: OS ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE**

O conceito de atitude engloba três componentes principais: o afetivo, relacionado a sentimentos e emoções; o cognitivo, relacionado a crenças e conhecimentos; e o comportamental, ligado à vontade de agir. Além disso, as atitudes são estruturas pessoais que se manifestam em diferentes graus e podem resultar em respostas

positivas ou negativas dependendo da situação, do objeto ou do indivíduo, moldadas pelas suas experiências (EAGLY; CHAIKEN, 1993).

Nesse contexto, a presença de preconceito e atitudes negativas em relação à obesidade por parte de estudantes e profissionais da área da saúde é evidenciada em diversos estudos, especialmente em contextos internacionais. Isso inclui diferentes grupos profissionais como nutricionistas (HARVEY et al., 2002; CORI et al., 2015), enfermeiros (GEISSLER; KORZ, 2020), médicos (SABIN; MARINI; NOSEK, 2012), educadores físicos (GREENLEAF; WEILLER, 2005), farmacêuticos (MURPHY; GARDNER, 2016) e psicólogos (HARVEY; HILL, 2001).

Estudantes da área da saúde (CORDONI et al., 2014) também exibem preconceito e atitudes negativas em relação à obesidade. Isso é observado em graduandos de enfermagem (DARLING; ATAV, 2019; MORAES *et al.*, 2021), nutrição (MORAES *et al.*, 2021; OBARA; VIVOLO; ALVARENGA, 2018), educação física (DARLING; ATAV, 2019), medicina (PANTENBURG et al., 2012) e outros cursos.

Dessa forma, é evidente que muitos profissionais e estudantes da área da saúde não compreendem plenamente os diversos aspectos envolvidos na obesidade, resultando na falta de atenção integral à saúde para indivíduos com sobrepeso e obesidade (CORDONI et al., 2014).

Pacientes com obesidade frequentemente relatam não receber o tratamento adequado por parte dos profissionais de saúde. Além disso, enfrentam atitudes negativas e obstáculos relacionados à inadequação das estruturas físicas dos serviços de saúde, como equipamentos e materiais inadequados, que causam constrangimento (MERRILL; GRASSLEY, 2008).

Essas atitudes muitas vezes levam à “rotulagem” de indivíduos com excesso de peso como desmotivados, preguiçosos, desleixados, menos competentes e indisciplinados, intensificando o preconceito e a estigmatização social. Estudos também indicam que a obesidade é frequentemente considerada como responsabilidade exclusiva do indivíduo, tanto entre os profissionais quanto entre os estudantes da área da saúde (PUHL; HEUER, 2009).

O estudo conduzido por Cordoni et al. (2014) examinou a percepção de estudantes de medicina, fisioterapia, nutrição e terapia ocupacional em relação à obesidade. Embora esses estudantes tenham reconhecido a importância do tratamento da obesidade, os resultados revelaram que a maioria deles demonstrou rejeição e crítica em relação à aparência física das pessoas com excesso de peso. Os autores concluíram que os estudantes enfrentam dificuldades em se desvencilhar dos preconceitos sociais existentes e que muitas vezes não priorizam aspectos como autoestima,



qualidade de vida ou questões biopsicossociais envolvidas no processo de saúde. Os participantes também tendem a culpar os indivíduos pelo seu próprio excesso de peso, alinhando-se com conclusões similares de outras pesquisas, como destaca os autores.

Uma investigação entre as equipes da Saúde da Família (eSF), em uma cidade da região Sul do país, revelou a presença de atitudes antiobesidade por parte dos enfermeiros em relação à obesidade, o que os leva a culpar os indivíduos pelo seu excesso de peso com base nas escolhas que fazem. Além disso, foi identificado o estigma associado à crença de que pessoas com excesso de peso tendem a adquirir alimentos de baixa qualidade nutricional (GEISLER; KORZ, 2020)

Portanto, é relevante que a compreensão dos diversos aspectos do estigma relacionado à obesidade seja incorporada à formação dos profissionais de saúde, considerando que isso deve ser algo que venha a refletir na prática diária dos profissionais (FRANCISCO; DIEZ-GARCIA, 2015). Isso contribuirá para uma abordagem de saúde mais abrangente, humanizada e eficaz para a população.

As experiências vivenciadas pelos estudantes durante sua formação acadêmica terão algum impacto em sua prática profissional no futuro. Assim, é crucial que os currículos dos cursos da área da saúde se baseiem na integralidade e em competências que incentivem

os estudantes a refletir sobre as reais necessidades sociais que enfrentarão em suas futuras carreiras profissionais (REIS; SOUZA; BOLLETA, 2014). No entanto, as intervenções educacionais até o momento têm tendido a se concentrar em abordagens restritivas, o que levanta questionamentos sobre como o tema da obesidade é abordado na formação dos profissionais de saúde (REIS; SOUZA; BOLLETA, 2014).

Além disso, a formação em saúde no Brasil deve estar alinhada com a atuação no Sistema Único de Saúde (SUS). Contudo, ainda há lacunas a serem preenchidas na formação dos estudantes da área da saúde, pois o currículo ainda tende a ser orientado de maneira biologicista e fragmentada. Diante desse cenário, é crucial questionar e superar esses paradigmas de formação, embora essa transformação ainda seja um desafio substancial (TEO; ALVES; GALLINA, 2016).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática da obesidade, não se limita apenas ao aspecto físico, mas se estende para o domínio social, cultural e psicológico. A construção histórica do estigma associado ao peso corporal contribuiu para a marginalização dos indivíduos com sobrepeso e obesidade, impactando negativamente sua qualidade de vida e acesso a cuidados de saúde adequados.

O viés estigmatizante e preconceituoso, muitas vezes manifestado por profissionais e estudantes da área da saúde, compromete a eficácia das intervenções e a promoção de uma atenção integral aos indivíduos em situação de obesidade. Isso evidencia a necessidade urgente de transformar as abordagens educacionais, destacando a importância da formação ampla.

Além disso, a perspectiva da obesidade como uma doença complexa e multidimensional exige uma revisão das abordagens de cuidado e intervenção. É vital adotar uma abordagem holística, considerando fatores individuais, sociais, culturais e psicológicos. A desconstrução do estigma associado ao corpo gordo é crucial para a promoção da saúde, permitindo que os indivíduos busquem ajuda de maneira aberta e sem medo de julgamentos. Assim, a colaboração entre educadores, profissionais da saúde, formuladores de políticas e a própria comunidade é fundamental para criar uma sociedade mais inclusiva e livre de estigmas.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBURY, C. *et al.* The importance of language in engagement between health-care professionals and people living with obesity: a joint consensus statement. **Lancet Diabetes Endocrinol**, v.8, n.5, p.447-455, 2020.

ARAÚJO, L. S.; COUTINHO, M. P. L.; ARAÚJO-MORAIS, L. C.; SIMEÃO, S. S.; MACIEL, S. C. Preconceito frente à obesidade: representações sociais veiculadas pela mídia impressa. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.7, n.1, p.69-85, 2018. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-52672018000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672018000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 agosto. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA. **Diretrizes brasileiras de obesidade**. 4.ed. São Paulo: ABESO, 2016.

BRANDSMA, L. L. Physician and patient attitudes toward obesity. **Eat Disord**, v.13, n.2, p.201-211, 2005.

CARDOSO, C. M. C.; COSTA, A. L. R. C. O peso de viver em um corpo obeso. **Revista Mineira de Enfermagem**. v.14, n.4, p.806-814, 2013.

CORI, G. C.; PETTY, M. L. B.; ALVARENGA, M. S. Atitudes de nutricionistas em curricular para cursos das profissões da saúde. **Medicina** (Ribeirão Preto, Online), v.47, n.3, p.272-279, 2014. Disponível em: <http://revistas.usp.br/rmrp/article/view/86615>.

DARLING, R.; ATAV, S. Attitudes toward obese people: A comparative study of **Diabetes Endocrinol**, v.8, n.5, p.447-455, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-)

EAGLY, A. H.; CHAIKEN, S. **The psychology of attitudes**. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers; 1993.educators. **Soc Psychol Educ.**, v.8, p.407-423,2005.

GEISSLER, Maria Eduarda ; KORZ, Vanessa. Atitudes de enfermeiros de equipe da Saúde da Família em relação à obesidade. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 15, n. 0, p. 46085, 2020. Disponível em: <<https://www.e->



publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/46085/34125>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1963.

GREENLEAF, C.; WEILLER, K. Perceptions of youth obesity among physical educators. **Soc Psychol Educ.**, v.8, p.407-423,2005.

HARVEY, E. L.; SUMMERBELL, C. D.; KIRK, S. F. L.; HILL, A. J. Dietitians' views of overweight and obese people and reported management practices. **J Hum Nutri Diet.**, v.15, n.5, p.331-347, 2002.

LIMA, C. T.; RAMOS-OLIVEIRA, D.; BARBOSA, C. Aspectos sociocognitivos da obesidade: Estereótipos do excesso de peso. **Psic Saúde & Doenças**, v.18, n.3, p.681-698, 2017.

MATTOS, R. S.; LUZ, M. T. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. **Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 489-507, 2009.

MERRILL, E.; GRASSLEY, J. S. Women's stories of their experiences as overweight patients. **J Adv Nurs.**, v.64, n.2, p.139-46, 2008.

MORAES, Maristela Melo; et al. Atitudes negativas e estigma social quanto a obesidade entre estudantes de ciências da saúde. **Revista Saúde & Ciência**, online, v. 10, n. 1, p.42-57, 2021.

MURPHY, A. L.; GARDNER, D. M. A scoping review of weight bias by community pharmacists towards people with obesity and mental illness. **Can Pharm J (Ott)**, v. 149, n. 4, p.226-235, 2016.

OBARA, A. A.; VIVOLO, S. R. G. F.; ALVARENGA, M. S. Preconceito relacionado ao peso na conduta nutricional: um estudo com estudantes de nutrição. **Caderno de Saúde Pública**, v. 34, n. 8, p. 01-14, 2018.

PANTENBURG, B.; SIKORSKI, C.; LUPPA, M.; SCHOMERUS, G.; KÖNIG, H. H.; WERNER, P.; RIEDEL-HELLER, S. G. Medical students' attitudes towards overweight and obesity. **PLoS One**. v.7, n.11, p.1-8,2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3489830/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

POULAIN, J. P. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

PUHL, R.; SUH, Y. Health Consequences of Weight Stigma: Implications for Obesity Prevention and Treatment. **Curr Obes Rep**, v.4, p.182–190, 2015.

REIS, F. J. C.; SOUZA, C. S.; BOLLELA, V. R. Princípios básicos de desenho relação a indivíduos obesos – um estudo exploratório. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.20, n.2, p.565-576, 2015. **Revista Mineira de Enfermagem**. v.14, n.4, p.806-814, 2013.

SABIN, J. A.; MARINI, M.; NOSEK, B. A. Implicit and explicit anti-fat bias among a large sample of medical doctors by BMI, race/ethnicity and gender. **PLoS One**, v.7, n.11, p.1-7, 2012.

SARHAN, A. C.; KREY, J. P.; CHAUD, D. M. A.; ABREU, E. S. Avaliação da percepção da imagem corporal e atitudes alimentares de estudantes das áreas de saúde e humanas de uma universidade do município de São Paulo. **Rev. Simbiol-Logias**, v. 8. n.11, 2015.

SAXENA, I.; KUMAR, M. Obesity discrimination in healthcare European. **Journal of Internal Medicine**, v. 46, p. 29–30, 2017.

SILVA, B. L.; CANTISANI, J. R. Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição: um debate necessário. **Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v.13, n.2; p.363-380, 2018.

TEO, C. R. P. A.; ALVES, S. M.; GALLINA, L. S. Nas trilhas da utopia: tecendo o projeto político-pedagógico em um curso de nutrição. **Trab.educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 723-745, 2016.

WANDERLEY, E. M.; FERREIRA, V. A. Obesidade: uma perspectiva plural. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.15, n.1, p.185-194, 2010.

World Health Organization. **Obesity and overweight fact sheet**, 2016. Disponível em: <<https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight>> . Acesso em: 10 ago. 2023.